

NOTAS SOBRE ONCIDERINI (COLEOPTERA, CERAMBYCIDAE, LAMIINAE)¹

MIGUEL A. MONNÉ² e SERGIO A. FRAGOSO³

RESUMO - A presente nota trata dos Onciderini da coleção do Museu Nacional, onde todos os holótipos foram depositados. São propostas as seguintes alterações nomenclaturais: 1) *Truncatoides* Dillon & Dillon, 1945 é um novo sinônimo de *Lesbates* Dillon & Dillon, 1945, resultando nas seguintes novas combinações: *Lesbates caviunas* Dillon & Dillon, 1949 e *L. axillaris* Thomson, 1860. *Lesbates hauffi* Tippmann, 1953 é um novo sinônimo de *L. caviunas* Dillon & Dillon, 1949. Inclui chave para todas as espécies. 2) *Dillonia* Lane, 1955, preocupado por *Dillonia* Haeckel, 1847 (Pisces) é substituído por *Neodillonia* n.n., resultando nas seguintes novas combinações: *N. adspersa* Laporte, 1840 e *N. albisparsa* Germar, 1824. 3) *Pseudobeta* Zajciw, 1972 é o primeiro nome disponível para substituir *Beta* Dillon & Dillon, 1945, preocupado por *Beta* Saussure, 1855 (Hymenoptera). *Pseudobeta quadrisignata* Zajciw, 1972 é um novo sinônimo de *Pseudobeta doris* Thomson, 1868 comb. n. 4) *Leus piperella* Dillon & Dillon, 1946 é um novo sinônimo de *Leus ramuli* Bates, 1865 comb. n. 5) *Trestonia chevrolatii* Buquet, 1859 é um novo sinônimo de *Trestonia frontalis* Erichson, 1847 comb. n. São descritas como novas: *Pseudobeta seabrai* sp. n., *Ischioderes bahiensis* sp. n., *Paratrachysomus huedepohli* gen. n., sp. n. e *Cydros melzeri* sp. n. do Brasil e *Trestonia turbula* sp. n. do Brasil e Peru.

Termos para indexação: longicornia neotropical, sistemática, novos gêneros, espécies e combinações.

NOTES ON ONCIDERINI (COLEOPTERA, CERAMBYCIDAE, LAMIINAE)

ABSTRACT - The present note deals with Onciderini of the "Museu Nacional" collection, where all the holotypes are deposited. The following nomenclatural alterations are proposed: 1) *Truncatoides* Dillon & Dillon, 1945, is a n. syn. of *Lesbates* Dillon & Dillon, 1945. *Lesbates hauffi* Tippmann, 1953 is a n. syn. of *Lesbates caviunas* Dillon & Dillon, 1949 n. comb., and *Lesbates axillaris* Thomson, 1860 is a resulting n. comb. A key for identification of all species included presently in *Lesbates* is provided. 2) *Neodillonia* is a n. name for *Dillonia* Lane, 1955, preoccupied by *Dillonia* Haeckel, 1847 (Pisces), resulting in *Neodillonia adspersa* Laporte, 1840 n. comb. and *N. albisparsa* Germar, 1824 n. comb. 3) *Pseudobeta* Zajciw 1972, as the first available name, should substitute *Beta* Dillon & Dillon 1945, preoccupied by *Beta* Saussure, 1855 (Hymenoptera). *Pseudobeta quadrisignata* Zajciw, 1972 is a n. syn. of *Pseudobeta doris* Thomson, 1868 n. comb. 4) *Leus piperella* Dillon & Dillon, 1946 is a n. syn. of *Leus ramuli* Bates, 1865 n. comb. 5) *Trestonia chevrolatii* Buquet, 1859 is a n. syn. of *Trestonia frontalis* Erichson, 1847 n. comb. The following are described as new: *Pseudobeta seabrai* n. sp., *Ischioderes bahiensis* n. sp., *Paratrachysomus huedepohli* n. gen., n. sp. and *Cydros melzeri* n. sp. from Brazil and *Trestonia turbula* n. sp. from Peru and Brazil.

Index terms: neotropical longicorns, timber beetles, new genera, species and combinations.

INTRODUÇÃO

Revendendo parte dos Onciderini, acumulados nos últimos anos, para inclusão nas coleções seriadas do Museu Nacional, deparamos com as sinonímias e as espécies ainda não descritas, que a seguir propomos como novas. Algumas das espécies novas, aquelas pertencentes a gêneros até a presente data monotípicos, quer pela variabilidade intra-específica (observada nas séries disponíveis), quer

pela semelhança com as espécies já descritas, tornam as descrições formais inúteis à identificação. Nesses casos, optamos por diagnoses diferenciais, suplementadas por fotografias das espécies em confronto.

Os *taxa* mais antigos foram criticamente cotejados com diapositivos dos tipos, tomados por J.S. Moure e J.A. Chemsak.

Todos os holótipos foram depositados na coleção do Museu Nacional, Rio de Janeiro.

Tribo Onciderini Thomson, 1860

Lesbates Dillon & Dillon, 1945

Lesbates Dillon & Dillon 1945: 12 (espécie-tipo: *Lamia acromii* Dalman, 1823: 70, designação original).

¹ Aceito para publicação em 13 de janeiro de 1984.

² Eng^o - Agr^o Dr., Prof.-Adjunto, Museu Nacional, Quinta da Boa Vista, CEP 20940 Rio de Janeiro, RJ. Bolsista do CNPq.

³ Bacharel em Artes, M.Sc., Ph.D., EMBRAPA, Museu Nacional, Quinta da Boa Vista, CEP 20940 Rio de Janeiro, RJ.

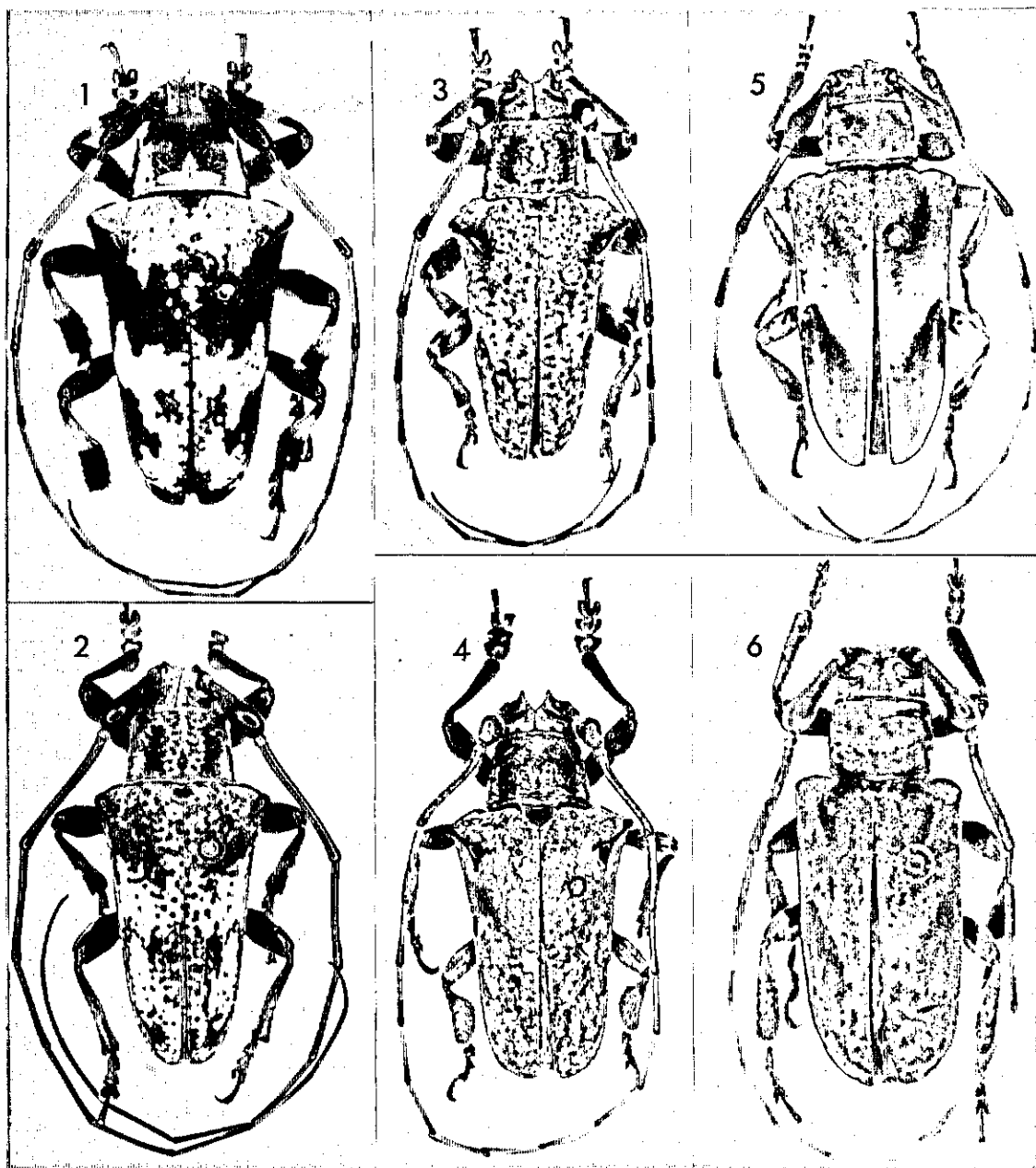


FIG. 1 a 6 (machos): 1, *Lesbates axillaris* Thoms.; 2, *L. carissima* Dillon & Dillon; 3, *L. acromii* (Dalm.); 4, *L. caviunas* (Dillon & Dillon); 5, *Pseudobeta doris* (Thoms.); 6, *P. seabrai*, sp. n., parátipo.

Pseudobeta quadrisignata Zajciw, 1972: 219, Fig. 1, *syn n.*

Zajciw (1972: 220), baseado em determinações errôneas de especialistas a ele anteriores, considerou como "*Beta doris*" *Midamus hecabe* Dillon & Dillon, 1945, e a partir desse tropeço, arrolou as diferenças entre *Pseudobeta* e "*Beta*" (= *Midamus*).

Distribuição geográfica: Brasil. Bahia: Vitória da Conquista. Minas Gerais: Teófilo Otoni. Espírito Santo: Linhares (Parque Sooretama), Conceição da Barra (Pedro Canário), S.M. Jetibá. Rio de Janeiro: Angra dos Reis, Parque Nacional Itatiaia, Corcovado, Teresópolis. São Paulo: Barueri. São Paulo (Cantareira). Santa Catarina: Rio Vermelho.

Pseudobeta seabrai, sp. n.

Muito próxima e semelhante a *P. doris* (Fig. 5), da qual difere por: a) tamanho médio menor, élitro 10 x 2,6 mm (*P. doris*, élitro 11 x 3 mm); b) altura do lobo inferior dos olhos 0,75 vezes menor que as genas (*P. doris*, o lobo inferior dos olhos é 1,4 vezes maior que as genas); c) pubescência mais curta, principalmente na frente e nas genas, deixando ver o tegumento (em *P. doris* não se vê o tegumento); d) anel subapical apenas ligeiramente mais escuro que o restante dos artículos antenais 3 a 7 (nitidamente anelados em *P. doris*); e) pela faixa elitral mediana, em forma de "V", distintamente mais estreita (comparar as figuras 5 e 6).

Tanto *P. doris* como *P. seabrai* estão sujeitas a variações da tonalidade do colorido. As diferenças citadas são constantes em toda a série examinada. Os exemplares de *P. doris* que serviram para comparação das duas espécies coincidem, em todos os detalhes observados, com o diapositivo do tipo de Thomson (Museu de Paris).

Holótipo macho, Brasil, Mato Grosso: SINOP (12° 31' S, 55° 37' W, 350 m), X.1974, Alvarenga & Roppa col. Parátipos, três machos e duas fêmeas com os mesmos dados do holótipo; parátipo macho, Mato Grosso: Vera (12° 46' S, 55° 36' W), X. 1973, Alvarenga & Roppa col.

Ischioderes Dillon & Dillon, 1945

Ischioderes Dillon & Dillon, 1945: 184 (espécie-tipo, *Ischioderes oncideroideis* Dillon & Dillon, 1945: 185, designação original).

Ischioderes bahiensis, sp. n.

Muito próxima e semelhante a *I. oncideroideis* (Fig. 7), da qual difere por: a) tamanho médio menor, élitro 13 x 3,3 mm (*I. oncideroideis*, élitro 17 x 3,9 mm); b) altura do lobo inferior dos olhos subigual à das genas (1,5 vezes maior em *I. oncideroideis*); c) escapo recoberto por pubescência (glabro em *I. oncideroideis*); d) pronoto com pontos glabros (inexistentes em *I. oncideroideis*); e) processo mesosternal sem elevação mediana (com elevação em *I. oncideroideis*); f) meso e metatíbias anormalmente dilatadas e comprimidas nos machos (normais em *I. oncideroideis*).

Tanto *I. oncideroideis* quanto *I. bahiensis* revelam certa variação na distribuição da pubescência esbranquiçada dos élitros, bem como na sua tonalidade, o que torna uma descrição formal inútil a qualquer finalidade de identificação. As diferenças acima citadas são constantes em toda a série examinada. Os exemplares de *I. oncideroideis* foram identificados com base no diapositivo do holótipo (AMNH, ex-Lacey).

Holótipo macho, Brasil, Bahia: Encruzilhada (Estrada Rio-Bahia, km 965, 950 m), X. 1973. Seabra & Roppa col.

Parátipos: macho, mesmos dados do holótipo; fêmea, mesmos dados exceto data, XI.1971; quatro fêmeas, XI.1972; fêmea, XI.1973; dois machos e três fêmeas, XI.1974; fêmea, XII.1974. Bahia: Maracás, fêmea, XI.1965, Oliveira & Werner col. Minas Gerais: Águas Vermelhas, macho, X. 1977, Roppa col.

Trestonia Buquet, 1859

Trestonia Buquet, 1859: 45; Thomson, 1860: 73; 1864: 103, 392 (designação da espécie-tipo, *Trestonia forticornis* Buquet, 1859); 1868: 67; Bates, 1865: 310; Lacordaire, 1872: 686; Dillon & Dillon, 1946: 275; Villiers, 1980: 548.

Trestonia frontalis (Erichson, 1847), comb. n.

Oncideres frontalis Erichson, 1847: 148; Dillon & Dillon, 1946: 408.

Trestonia chevrolatii Buquet, 1859: 46; Bates, 1865: 311; Thomson, 1868: 67; Dillon & Dillon, 1946: 277, est. 16, Fig. 6, *syn n.*

O exame do tipo de Erichson, gentilmente enviado por E. Wendt (Museum für Naturkunde der Humboldt-Universität), em 1976, a um dos auto-

res, permitiu confirmar as suspeitas de Dillon & Dillon (1946: 408) em relação ao gênero de *frontalis*. Posteriormente, por comparação de diagnósticos, chegamos à presente sinonímia.

Distribuição geográfica: Peru. Junin: Sátipo. Loreto: Pucallpa. Brasil. Amazonas: Tabatinga. Pará: Jacareacanga. Tucuruí. Rondônia: Ouro Preto. Mato Grosso: SINOP. Vera. Bolívia. Santa Cruz: Prov. Chaparé.

Trestonia turbula, sp. n.

Trestonia ramuli Dillon & Dillon, 1946: 281, est. 16, Fig. 10 (*nec T. ramuli* Bates, 1865: 311); Zajciw, 1967: 9 (distr.).

Dillon & Dillon identificaram erroneamente *T. ramuli* Bates (ver *Leus piperella* Dillon & Dillon, 1946 - *T. ramuli* Bates, 1865). A descrição de *ramuli* é, na realidade, a descrição da nova espécie, que aqui denominamos *T. turbula*.

Macho: tegumento castanho-escuro, recoberto de pubescência cinzento-acastanhada; fronte e faixa no começo da metade distal dos élitros cobertas por pilosidade branco-amarelada; mancha em forma de arco castanho-escuro, aveludada, no terço apical dos élitros.

Fronte vertical, subquadrada; lobos inferiores dos olhos uma vez e meia a altura das genas; tubérculos anteníferos afastados, arredondados no ápice. As antenas alcançam as extremidades dos élitros na metade do artigo 8; artigo 11 mais longo que o 10.

Pronoto com os sulcos paralelos aos bordos pouco demarcados, superfície sem pontos. Lados do protórax subparalelos, tubérculo pós-mediano muito reduzido.

Élitros com os úmeros proeminentes, oblíquos em relação ao eixo longitudinal do corpo; ápices arredondados. Os pontos restritos à metade anterior elitral, mais densos para o lado da base.

Procoxas com processo unguliforme. Processo prosternal estreito, um terço do acetábulo procoxal. Processo mesosternal inerte, truncado no bordo anterior. Abdomen coberto de pubescência acastanhada densa, entremeada com tufo de pelos branco-amarelados. Último esternito abdominal visível (7º) truncado-emarginado no ápice.

Fêmea: as antenas apenas ultrapassam as extremidades dos élitros; artigo 11 mais curto do que o 10; procoxas inermes.

Holótipo macho, Brasil. Mato Grosso: SINOP (12° 31' S, 55° 37' W, 350 m), X.1974, Alvarenga & Roppa col. (dimensões do élitro, 4 x 12 mm). Parátipos: fêmea, mesmos dados do holótipo exceto data, X.1976; duas fêmeas, Peru. Junin: Sátipo, 1940; duas fêmeas, IX-X.1942; fêmea, II.1943; fêmea, Brasil. Pará: Jacareacanga, II. 1969 (Coll. Fragozo); macho, VI. 1969, F.R. Barbosa col.; macho e fêmea, XI.1969, F.R. Barbosa col.; dois machos, uma fêmea, II.1970, F.R. Barbosa col.; fêmea, Óbidos, V.1961, J. Brasilino col.; fêmea, Tucuruí, I.1980, B. Silva col.

Separa-se de *T. capreola* (Germar, 1824), além da distribuição diversa por: a) lobo inferior dos olhos uma vez e meia a altura das genas; b) tubérculos anteníferos mais afastados; c) escapo unicolor; d) mancha de pubescência branco-amarelada do começo da metade distal dos élitros limitada ao bordo anterior da mancha em forma de arco castanho-escuro e e) sem mancha esbranquiçada ante-apical nos élitros.

Em *T. capreola*: a) lobo inferior dos olhos uma vez e um terço a altura das genas; b) tubérculos anteníferos aproximados; c) escapo bicolor; d) mancha de pubescência branca da metade distal dos élitros projeta-se anteriormente até o quarto basal e e) com mancha subquadrada esbranquiçada antes dos ápices elitrais.

Cydros Pascoe, 1866

Cydros Pascoe, 1866: 285 (espécie-tipo, *Cydros leucurus* Pascoe, 1866: 285, monotípia); Lacordaire, 1872: 684 (sin.); Dillon & Dillon, 1946: 251.

Trachytoxus Thomson, 1868: 72 (espécie-tipo, *Trachytoxus scabrosus* Thomson, 1868: 72, monotípia).

Cydros melzeri, sp. n.

Difere de *C. leucurus* (Fig. 12) pelo (a) artigos 4 e 7 das antenas com colorido igual ao dos restantes (em *leucurus* o quarto e o sétimo tem os três quartos basais esbranquiçados, a distribuição das áreas cromáticas diferentes dos artigos restantes), pelo (b) disco do pronoto da mesma cor geral da superfície (em *leucurus*, há uma faixa longitudinal mediana branco-amarelada), pelos (c) três quartos basais dos élitros unicolores (em *leucurus*, existe uma faixa longitudinal mediana esbranquiçada), pelos (d) quatro tufo de pelos es-

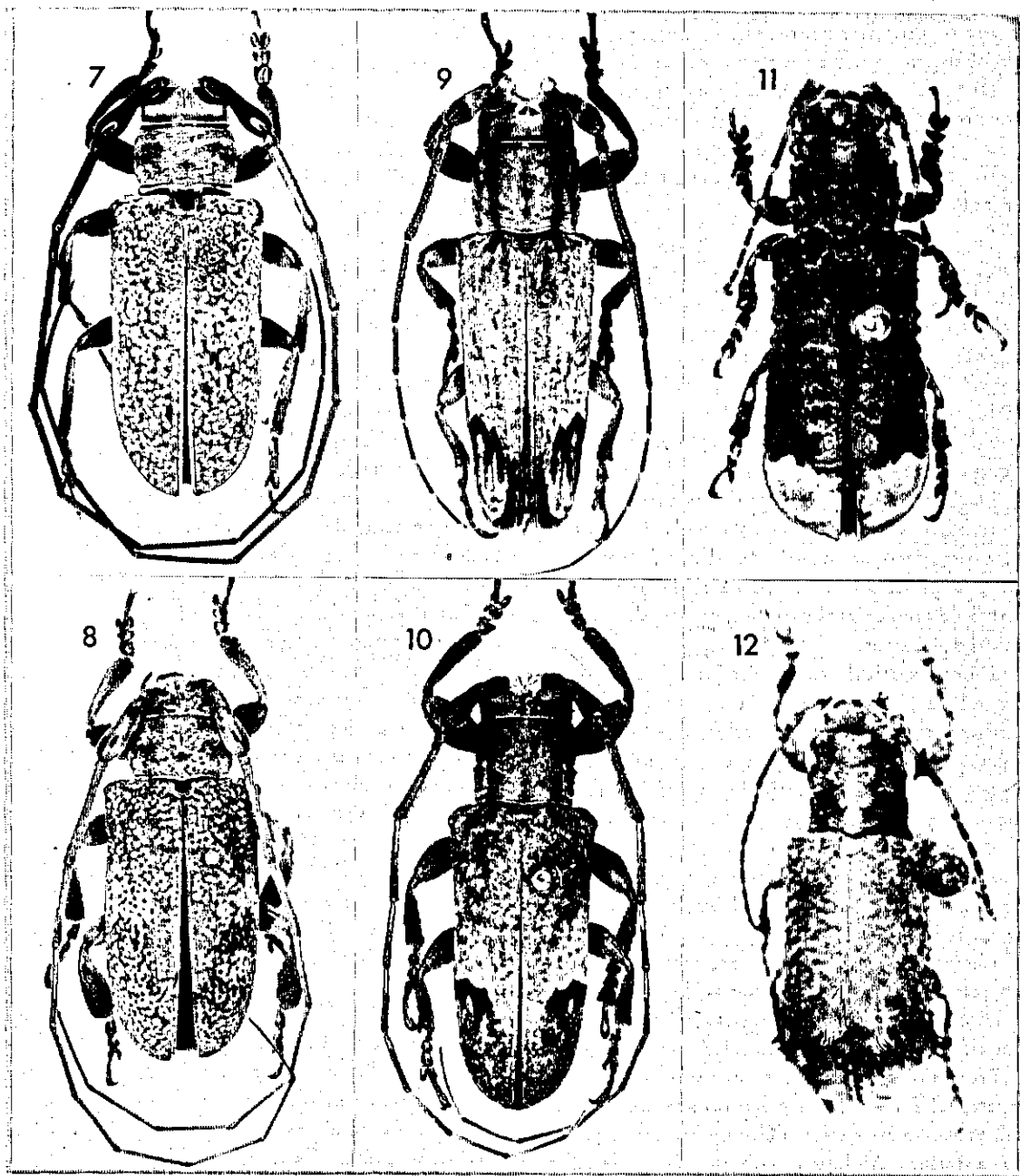


FIG. 7 a 12 (machos): 7, *Ischioderes oncideroideus* Dillon & Dillon; 8, *I. bahiensis*, sp. n., holótipo; 9, *Trestonia frontalis* (Erichson); 10, *T. turbula*, sp. n., holótipo; 11, *Cydros melzeri*, sp. n., holótipo; 12, *C. leucurus* Pascoe.

curos, irregularmente distribuídos no terço apical dos élitros, o terceiro tufo a contar do bordo mediano, mais anterior do que os outros, implantados na área escura (em *leucurus*, os tufos são apenas três, formados por pubescência clara, os ápices dos pêlos nitidamente mais escuros e implantados na área clara dos élitros).

O dimorfismo sexual se limita ao desenvolvimento maior dos fêmures e das tíbias nos machos.

Holótipo macho, Brasil, Rondônia: Vilhena, 23.II.1961, J. & B. Bechyné col. (dimensão dos élitros 2,3 x 10 mm).

Parátipos: macho e fêmea, mesmos dados do holótipo; dois machos, Mato Grosso: Rosário Oeste, I.1971; quatro machos, II.1971; duas fêmeas, II.1966 (Coll. Fragoso); fêmea, São Paulo: George Oeterer, 11.II.1962, Werner col.

Paratrachysomus, gen. n.

Diagnose: fronte subquadrada, côncava; lobo inferior dos olhos conectado ao superior por quatro a cinco fileiras de omatídeos, com altura subigual à das genas; tubérculos anteníferos distintamente separados. Antenas pouco mais longas que o corpo, escapo sem cicatriz, clavado, atinge o bordo anterior do pronoto; artícolo três subreto, os demais artículos mais curvos, gradualmente decrescentes em comprimento.

Pronoto com duas áreas entumescidas a cada lado do meio, com superfície plurigranulosa, todos os grânulos cobertos de pubescência; o grânulo póstero-interior é mais desenvolvido e elevado (Fig. 13). Bordo anterior do protórax com diâmetro distintamente mais estreito que o anterior.

Escutelo subtrapezoidal, transverso. Élitros mais largos na base que no ápice, providos de gibosidade basal granulosa; com úmeros oblíquos em relação ao eixo longitudinal (dotados de um único grânulo glabro); ápices truncados.

Procoxas inermes. Processo prosternal estreito, um terço do acetábulo procoxal. Mesosterno anormalmente entumescido de cada lado, processo mesosternal em declive, côncavo e inerte. Fêmures clavados; tíbias arredondadas no ápice; garras tarsais com um tufo látero-superior de pêlos alongados, dando a impressão de garra bifida. Último esternito abdominal visível (7°) truncado-emarginado no ápice.

Espécie-tipo, *Paratrachysomus huedepohli*, sp. n.

Comentário: difere de *Trachysomus*, entre outros caracteres, pelos élitros não paralelos e desprovidos de processo tegumental subapical e pelas proporções (comprimento elitral maior que quatro vezes a largura máxima). Os caracteres utilizados na diagnose são, basicamente, aqueles usados por Dillon & Dillon (1945: x) na chave para gêneros de Onciderini.

Paratrachysomus huedepohli, sp. n.

Macho: tegumento castanho-escuro, recoberto de densa pubescência branco-acinzentada, entremeada de máculas pardas. Uma mancha arredondada no occiput, parte apical dos artículos antenais, grânulo mais anterior do pronoto e ápice dos élitros recobertos de pubescência castanho-escura a preta, aveludada.

Fronte vertical, côncava, constricta inferiormente; tubérculos anteníferos tuberosos, sem formar ponta. Último artícolo antenal recurvo apicalmente.

Pronoto com uma mácula glabra póstero-central, em forma de "V" invertido; lados do protórax irregularmente curvos e inermes. Pontos pilíferos concentrados nas intumescências látero-basais e nos grânulos póstero-internos mais elevados do dorso.

Cada élitro com pontos pequenos moderadamente esparsos, no ápice com três tufo de pelos curtos.

Abdomen sem áreas glabras, com predominância de pubescência rala e parda.

Holótipo macho, Brasil, Mato Grosso: Fazenda São Tiago (12° 35' S, 56° 20' W), III.1982, K.E. Huedepohl col. (dimensões do élitro 5 x 21,5 mm).

Leus Dillon & Dillon, 1945

Leus Dillon & Dillon, 1945: xiv; 1946: 222 (espécie-tipo, *Leus piperella* Dillon & Dillon, 1946: 222, designação original).

Leus difere de *Trestonia* pela: a) ausência de arco nítido de pubescência contrastante no terço posterior dos élitros; b) pela carena lateral dos élitros, subparalela à epipleura, que se origina nos tubérculos umerais; c) pela pubescência rala da fronte (que é longa e clara em *Trestonia*) e d) pelos tubérculos anteníferos normais (os de *Trestonia*, geralmente têm uma moosa apical).

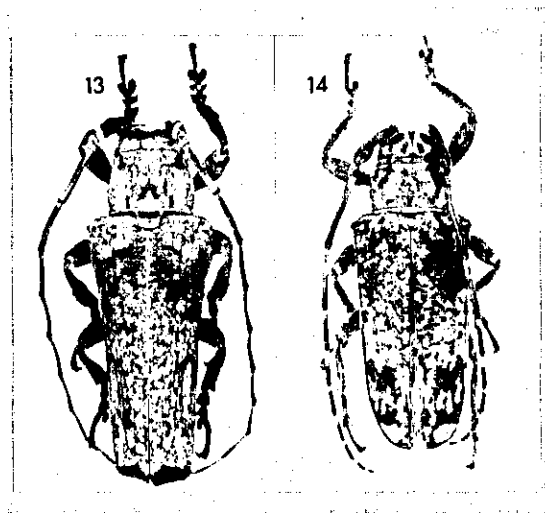


FIG. 13 e 14 (machos): 13, *Paratrachysomus huedepohli*, sp. n., holótipo; 14, *Leus ramuli* (Bates).

Leus ramuli (Bates, 1865), comb. n.

Trestonia ramuli Bates, 1865: 311.

Leus piperella Dillon & Dillon, 1946: 222, est. 7, Fig. 4, syn. n.

A comparação crítica entre as descrições originais, bem como dos diapositivos dos tipos de *ramuli* e *piperella*, suplementada pelas séries estudadas, permitiu estabelecer a sinonímia supra, resultando na nova combinação.

Distribuição geográfica: Peru. Junin: Sático. Brasil. Amazonas: Tabatinga. Tefé (holótipo de *ramuli*). Mato Grosso: SINOP. Bolívia, Cochabamba: Las Juntas (holótipo de *piperella*).

REFERÊNCIAS

- BATES, H.W. Contributions to an insect fauna of the Amazon Valley. Coleoptera: Longicornes. Ann. Mag. Nat. Hist., 16(3):308-14, 1865.
- BUQUET, J.B. Notice monographique sur un genre nouveau de Coléoptères de la famille des Cérambycides (longicornes). Arcana Nat., Paris, 1:45-9, 1859.
- DALMAN, J.W. Analecta Entomologica, Holmiae, 1823. 108p.
- DILLON, L.S. & DILLON, E.S. Miscellaneous synonymy and new species among Lamiinae (Cerambycidae). Am. Mus. Novit., 1388:1-13, 1949.
- DILLON, L.S. & DILLON, E.S. The tribe Onciderini (Coleoptera: Cerambycidae) Part I. Sci. Publ. Reading Publ. Mus., 5:1-186, 1945.
- DILLON, L.S. & DILLON, E.S. The tribe Onciderini (Coleoptera: Cerambycidae) Part II. Sci. Publ. Reading Publ. Mus., 6:189-13, 1946.
- ERICHSON, W.F. Conspectus insectorum coleopterorum quae in Republica Peruana observata sunt. Arch. Naturgesch., 13:67-185, 1847.
- GERMAR, E.F. Insectorum species novae aut minus cognitae, descriptionibus illustratae. Halae, 1824. 624p.
- LACORDAIRE, J.T. Histoire naturelle des insectes. Genera des coléoptères, ou exposé méthodique et critique de tous les genres proposés jusqu'ici dans cet ordre d'insectes. Paris, Librairie Encyclopédique de Roret, 1872. v.9, n.2, p.411-930.
- LANE, F. Cerambycoidea Neotropica nova III (Coleoptera). Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 12(13): 281-96, 1955.
- LAPORTE, F.L.N. Histoire naturelle des insectes coléoptères. Paris, 1840. v.2, 563p., 36 est.
- NEAVE, S.A. Nomenclator zoologicus. London, The Zoological Society of London, 1939. v.2, 1025p.
- PASCOE, F.P. List of the Longicornia collected by the late Mr. P. Bouchard, at Santa Marta. Trans. Ent. Soc. London, 1866:279-96, 1866.
- REDTENBACHER, L. Reise des oesterreichischen fregatte novara um die Erde in den Jahren 1857, 1858, 1859 unter den befehlen des Commodore B. von Wüllerstorff-Urbair. Coleopteren, Wien, Zoologischer Theil, Zweiter Band, 1868. 249p.
- THOMSON, J. Essai d'une classification de la famille des cérambycides et matériaux pour servir à une monographie de cette famille. Paris, 1860. 404p.
- THOMSON, J. Révision du groupe des oncidérites (lamites, cérambycides, coléoptères). Physis Rec. Hist. Nat., 2(5):41-92, 1868.
- THOMSON, J. Systema cerambycidarum ou exposé de tous les genres compris dans la famille des cérambycides et familles limitrophes. Mém. Soc. R. Sci. Liège, 19:1-540, 1864.
- THOMSON, J. Typi Cerambycidarum Musei Thomsoniani. Paris, E. Deyrolle, 1878. 21p.
- TIPPMANN, F.F. Studien über neotropische Longicornier II (Coleoptera: Cerambycidae). Dusenja, 4: 313-63, 1953.
- VILLIERS, A. Coléoptères Cerambycidae des Antilles françaises III. Lamiinae. Ann. Soc. Entomol. Fr., 16(4):541-98, 1980.
- ZAJCIW, D. Contribuição para o estudo da fauna dos longicórneos (Coleoptera, Cerambycidae) das florestas do Estado do Espírito Santo e principalmente da Reserva Biológica "Sooretama". B. téc. Inst. Bras. Desenv. Flor., 4:37-91, 1974.

- ZAJSKI, D. Contribuição para o estudo da fauna dos longicórneos do Estado do Maranhão (Col., Ceramb.). B. Soc. Cear. Agron., 8:1-12, 1967.
- ZAJSKI, D. Descrição de um gênero novo e uma espécie nova de longicórneos neotrópicos (Coleoptera, Cerambycidae, Lamiinae). R. bras. Biol., 32(2): 219-20, 1972.
- ZAJSKI, D. Fauna do Distrito Federal. XLVIII Contribuição para o Estudo dos Longicórneos de Rio de Janeiro (Coleoptera, Cerambycidae). B. Mus. Nac. R. Janeiro, (n.s.) Zool., (189):1-26, 1958.
- ZIKÁN, J.F. & ZIKÁN, W. A inseto-fauna do Itatiaia e da Mantiqueira. B. Min. Agric., Rio de Janeiro, 33(8):1-50, 1944.